

A construção do sujeito feminino em *La Majorité Opprimée*: embates ideológicos

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar a construção do sujeito feminino no curta metragem francês *La Majorité Opprimée* (2010). Há como embasamento teórico, as concepções teóricas do Círculo de Bakhtin sobre a noção de sujeito e de signo ideológico além de referências dos Estudos de Gênero masculino e feminino, como considerações de Judith Butler. Na obra, a representação da desigualdade de gênero como conflito ideológico que reflete e refrata ideologias nos leva a pensar sobre os embates ideológicos que são parte da formação social do sujeito, ponto sobre o qual se pauta essa discussão.

PALAVRAS-CHAVE: *La Majorité Opprimée*. Círculo de Bakhtin. Sujeito. Gênero (masculino e feminino).

Bárbara Melissa Santana
barbaramelissasantana@gmail.com
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil.

INTRODUÇÃO

Neste texto, problematizamos os embates ideológicos que configuram as relações de gênero e o posicionamento do sujeito feminino no curta metragem *La Majorité Opprimée*. Olhar para esse sujeito e sua representação na obra nos leva a pensar nos embates ideológicos e culturais que o contextualizam, considerando as relações dialógicas que o constituem.

La Majorité Opprimée é um curta metragem francês dirigido por Eleonore Pourriat e lançado na rede social *Youtube* em 2010. A obra apresenta uma sociedade às avessas em que performances sociais de homens e mulheres são invertidas em um deslocamento dos papéis femininos e masculinos que desconfigura a sociedade patriarcal. Esse deslocamento de papéis coloca as mulheres em um espaço de poder e influência que, dentro do patriarcado, é um espaço que se refere à figura masculina. Nesse quadro de inversão, a narrativa se volta à rotina do protagonista que, no decorrer da obra, vivencia assédio e objetificação de seu corpo, exemplos do machismo enraizado na sociedade contemporânea.

Tendo em vista a arquitetura de *La Majorité Opprimée*, nos voltamos à análise da construção do sujeito feminino na obra supramencionada, no intuito de pensar a dialogicidade do sujeito com os discursos que o circundam e com seu contexto histórico e cultural. Diálogo, signo ideológico, enunciado e sujeito são noções teóricas que fundamentam nossa discussão e antecedem a análise. Sendo assim, inicialmente, realizamos uma retomada dos estudos do Círculo de Bakhtin sobre a constituição dialógica do sujeito e do enunciado, assim como discutimos sobre as noções de gênero masculino e feminino a partir de considerações de Judith Butler. A partir desse embasamento teórico, discutiremos a formação do sujeito feminino na obra como uma construção que se dá sempre em diálogo com discursos e com o contexto histórico da sociedade contemporânea. Posteriormente, trazemos, no segundo tópico, a análise de uma cena do curta metragem por meio de fotogramas. Nesse momento do texto, articulamos a teoria utilizada à discussão sobre a construção do sujeito feminino no curta.

AS NOÇÕES DE SUJEITO E ENUNCIADO

Ao engendramos os limiares teóricos bakhtinianos, concordamos com uma concepção de signo ideológico que, por assim se denominar, é atravessado por ideologias e desneutralizado, já que todo e qualquer ato é sempre demarcado por um posicionamento ideológico que dialoga com seu cronotopo de acontecimento. Tratamos de um signo em potencialidade, que adquire seu sentido na esfera única de sua utilização, no ato enunciativo. A esfera de utilização, por sua vez, assim como o ato enunciativo, tem um conteúdo ideológico e denota posicionamentos sociais. Os signos ideológicos que compõem *La Majorité Opprimée* são

materialidades da linguagem que abarcam valorações e produzem sentido no diálogo com seus outros.

Além de tratarmos, pelo viés bakhtiniano, das categorias de sujeito e signo ideológico, ao nos voltarmos ao estudo do enunciado, levamos em consideração que para o Círculo de Bakhtin, o enunciado é dialógico e produz sentido na relação de diálogo com outros enunciados, sujeitos e discursos. O enunciado, como dado social, é irrepetível, pois se configura nas condições únicas de seu acontecimento, nas quais reflete e refrata ideologias. No diálogo com os sujeitos, que são seus outros, ocorre a produção de sentido do enunciado que sempre se renova em novos diálogos.

Neste artigo tratamos a obra de Eleonore Pourriat como enunciado verbocovisual, termo que se refere a enunciados compostos pelas linguagens verbal, visual, sonora e demais materialidades implicadas na obra que apresentam valoração ideológica. *La Majorité Opprimée*, como exemplo de curta metragem, é um enunciado composto pela linguagem visual, pela entonação das personagens, pela trilha sonora e pela materialidade verbal, elementos constituintes da obra que expressam valores sociais e culturais. Essas materialidades do curta metragem são aspectos relevantes para a análise proposta pois, como visto, expressam valores e são parte da arquitetura da obra. A análise do sujeito feminino se depreende dos elementos verbocovisuais que constituem o enunciado e partem para o plano sociológico, em que dialogamos com a constituição translinguística da linguagem.

O enunciado, como unidade viva da linguagem, transcende as vozes sociais da vida. Situado na esfera artística, o curta metragem reflete e refrata as condições de produção sociais e culturais da vida já que a arte é essencialmente social e se constrói na cultura. Voloshínov trata do caráter sociológico da arte e ressalta que “A arte é também imanentemente social” (2011, p. 150), já que a cultura e as transformações históricas atuam na esfera artística e no enunciado artístico, construindo novos sentidos e formas de diálogo.

Nesse sentido, a inversão das performances de gênero na obra realça o problema social da desigualdade de gênero e ironiza sua naturalização na sociedade contemporânea. Ao inverter os papéis, a obra quebra o padrão patriarcal de vulnerabilidade da mulher em relação à figura masculina e realça a essas disparidades. Partindo da premissa de que o ato enunciativo é ponto de reflexo e refração de discursos, o enunciado em questão reverbera um conjunto de valores de cunho machista, em contraponto a valorações de cunho feministas. Em *La Majorité Opprimée*, o embate entre essas ideologias contrárias contorna os sujeitos representados na obra, visto que os sujeitos femininos e também os masculinos que aparecem no curta metragem representam na obra os embates ideológicos da vida. A constituição ideológica de *La Majorité Opprimée* se dá, portanto, a partir de sua natureza dialógica e das relações de diálogo com seu momento histórico.

Levando em consideração a dialogicidade do enunciado, verificamos que o lançamento do curta metragem em 2010 no *Youtube* é um evento que dialoga com o contexto social do século XXI, momento histórico em que o movimento de luta das mulheres por seus direitos, o feminismo, se intensifica em manifestações nas ruas, na Rede, na literatura e na arte. *La Majorité Opprimée*, como enunciado, dialoga com o contexto sócio histórico de sua produção e lançamento e faz parte da manifestação cultural feminista. Como enunciado, o curta metragem reflete e

refrata as valorações ideológicas de seu momento histórico e cultural e ressoa as questões de seu tempo. A própria obra *La Majorité Opprimée* reverbera discursos e se dá como uma manifestação cultural, e ressoa, por meio dos conflitos ideológicos vivenciados pelas personagens, esses conflitos ideológicos.

Para o Círculo de Bakhtin, as noções de enunciado e sujeito se entrelaçam pois socialmente, o enunciado e o sujeito se constroem a partir de relações de alteridade. Assim como a constituição do enunciado é dialógica, também o sujeito é construído a partir de relações de alteridade. O sujeito se constrói sobre um emaranhado de vozes disposto dialogicamente, fundamentado na relação de alteridade que se dá entre sujeitos e construções discursivas. Tomar o conceito de sujeito pelas reflexões bakhtinianas implica falar sobre mais de um sujeito e considerar sua pluralidade. Ao dispormo-nos a discutí-lo, nos deparamos com um prisma de valorações, ideologias e discursos que se refletem e refratam nos enunciados. Tais refrações e reflexos, assim como transpassam os enunciados, também perpassam os sujeitos, configurando-os como sujeitos discursivos.

Diante desse horizonte de fatores que constroem o sujeito bakhtiniano, justificamos a impossibilidade de abordar esse conceito sem dialogar com demais conceitos do Círculo. Nos apoiamos em uma teoria que trata da pluralidade do sujeito no sentido de sua formação subjetiva, sendo ele mais que “uma” voz dele mesmo, mas o resultado do encontro e diálogo de vozes que se dispõem historicamente e dialogam com seu momento presente. Desse modo, no curta metragem aqui estudado, quando o sujeito feminino fala, sua fala é demarcada por outras falas, suas palavras não representam objetivamente a opinião particular e única concebida pela personagem, mas a representação de diversas vozes, permeadas por interesses ideológicos. Quando fala, o sujeito feminino representado ressoa um conjunto de vozes sociais e essas vozes, por sua vez, convivem em um embate ideológico.

O caráter constante de formação do sujeito é um aspecto relevante aqui, já que sendo ele social e concebido por diálogos sociais que contatam seu mundo exterior, se concebe um sujeito que altera o mundo ao seu redor à medida que também ele é alterado por esse mundo. O sujeito, inserido e concebido pelas relações sociais que o perpassam é, portanto, reconhecido como sujeito bakhtiniano mediante seu ato responsivo e responsável. É mediante o ato que o sujeito concretiza o embate com seu outro, e é a partir desse outro que o sujeito nasce. Sobral (2014, p. 22) aponta um “sujeito situado”, ao defender que Bakhtin concebe um sujeito construído nas relações sociais “Só me torno eu entre os outros eus. Mas o sujeito, ainda que se defina a partir do outros, ao mesmo tempo o define, é o “outro” do outro: eis o não acabamento constitutivo do Ser, tão rico de ressonâncias filosóficas, discursivas e outras”. Nesse sentido, entendemos que o sujeito é situado pois sempre está em um lugar social e cultural que o coloca em diálogo com seus outros e desse lugar exato, ele assume um posicionamento dentro da cultura.

Nas palavras de Geraldi (2010, p. 140), “Toda ação do sujeito é sempre uma resposta a uma compreensão de outra ação e que provocará, por seu turno, novamente uma resposta baseada numa compreensão que sobre ela for construída pelo outro”. Cada momento e realização única do sujeito se dá em diálogo com o espaço e tempo que o envolvem. Cada momento de vivência constitui um evento e no evento, há a realização máxima do sujeito em sua natureza dialógica.

Ao longo das reflexões do Círculo, somos guiados a pensar em um sujeito que dialogicamente, molda-se de acordo com cada elemento que o contorna, e estes, devidamente ligados ao heterogêneo horizonte ideológico vigente, assim como às manifestações sociais, culturais e singulares de cada evento. Se torna sujeito em uma sequência incessante de eventos, sendo assim impossível terminar-se, pois cada evento pressupõe novos eventos e um novo ser social que se constrói a cada um deles. A última realização desse sujeito não acontece, pois não há o último, já que o último pressuporia um fim e esse sujeito jamais terá um fim, um acabamento legítimo e perpétuo. O sujeito não morre, pois não é sujeito em carne e osso. Assim, como elemento valorativo, como discurso, o sujeito há de interferir incansavelmente em seus outros e ser por eles também renovado.

Esse sujeito é responsável pois, consoante as palavras de Faraco, “Bakhtin dirá, nesta mesma direção, que viver é tomar posição axiológica a cada momento; é posicionar-se frente a valores” (FARACO, 2012, p. 153). Na vida, o sujeito sempre age, e seu agir sempre se dá em um lugar insubstituível que ele ocupa. Ao posicionar-se por meio do ato, o sujeito se relaciona com seus outros e se constrói nessa relação. Nos termos de Faraco, o lugar de onde fala o sujeito é um lugar singular, pois na vida, o sujeito não tem alibi e precisa sempre se posicionar por meio de seus atos.

Não tenho alibi na existência: ser na vida significa agir – eu não posso não agir, eu não posso não ser participante da vida real. E essa obrigação decorre de eu ser único e ocupar um lugar único, irrepitível, insubstituível e impenetrável na parte de um outro. Sou insubstituível e esse fato me obriga a realizar minha singularidade peculiar: tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. (2012, p. 154)

A singularidade peculiar que se dá por meio do agir, sobre a qual fala Faraco, também se refere à construção de identidades de gênero do sujeito. Os gêneros masculino e feminino, como construções sociais, dão-se no ato do sujeito, em seu agir no dia a dia. Dentro dos Estudos de Gênero, a identidade de gênero do sujeito se dá a partir de sua performance social. Essa performance se refere ao conjunto verbovocovisual de características que compõe o sujeito e seu modo de agir, de acordo com as premissas de gênero existentes no mundo contemporâneo.

“Ser mulher” é um modo de ser construído a partir de um contrato social que se compõe de performances denominadas como femininas, ao mesmo pé que “ser homem” parte da premissa de performances masculinas. O conjunto de características femininas e masculinas é reconhecido culturalmente, pois é um consenso construído na sociedade. Como grupo organizado socialmente, criamos formas de nos expressar como homens e mulheres, e essas formas são denominadas dentro dos Estudos de Gêneros como performance ou performatividade.

Ao discutirmos a noção bakhtiniana de sujeito, entendemos que a constituição dialógica e ideológica desse sujeito nos possibilita colocar essa noção em diálogo com a noção de gênero masculino e feminino, oriunda dos Estudos de Gênero contemporâneos. A relação entre essas noções se dá na constituição dialógica da

identidade de gênero dos sujeitos femininos e masculinos, visto que os gêneros masculino e feminino são construções dadas dentro do cronotopo da cultura e dialogam com o momento histórico que as contextualizam. Para embasar esse diálogo entre a teoria bakhtiniana e os Estudos de Gênero, levamos em conta a performatividade, termo de Judith Butler, emprestado da teoria da performatividade linguística de John L. Austin. Para Butler, a performatividade é um conceito que trata das identidades de gênero como resultados performativos que “se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico” (2010, p. 30), ou seja, dentro de inscrições sociais e ideológicas. Pela perspectiva bakhtiniana, o “discurso cultural hegemônico” seria o discurso da superestrutura, que se dá em embate com o discurso da infraestrutura, que é fator determinante na construção cultural da identidade de gêneros. O discurso cultural hegemônico ou o discurso das superestruturas é o elemento social que gera a cristalização dos gêneros em formatos estereotipados, assim as performances de gêneros são cristalizadas de acordo com o que “a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero” (BUTLER, 2010, p. 31). Nesse debate, ao trazer para discussão o conceito de performatividade, Butler também discute o caráter hierárquico dessa construção e o problema da cristalização dessas performances sociais.

As identidades de gênero se dão, nesse sentido, nas esferas sociais e são sempre renovadas culturalmente. As performances de gênero masculino e feminino estão sempre se construindo em diálogo com as transformações sociais e é nesse ponto que estabelecemos diálogo com a teoria bakhtiniana e sua noção de sujeito. Anteriormente ressaltamos a natureza dialógica do sujeito, sua construção através de seus outros na cultura e seu estado de contínua renovação e construção. Esses elementos constituintes do sujeito bakhtiniano dialogam com a construção de gênero masculino e feminino, já que eles também se constroem dialogicamente, em um diálogo contínuo com discursos da superestrutura e da infraestrutura.

Os gêneros masculino e feminino são construções sociais que ocorrem em diálogo com inferências culturais, políticas, históricas e ideológicas, assim como o sujeito. A concepção de gênero masculino e feminino se dá também por meio do diálogo com enunciados e discursos, assim como as ideologias e valorações que os permeiam. A discussão realizada acerca do sujeito bakhtiniano e dos Estudos de Gênero nos interessa aqui pois nos debruçamos sobre a noção de sujeito feminino. Logo, colocar a noção de sujeito pela teoria do Círculo de Bakhtin em diálogo com as concepções de gênero para chegarmos na noção de sujeito feminino foi um caminho necessário para organizar nossas considerações e concluirmos, em meio aos espaços teóricos percorridos, que as noções de sujeito e gênero, tem em comum seu caráter dialógico e social, sendo que o gênero feminino é construído social e culturalmente assim como o sujeito. O sujeito feminino é uma construção discursiva que se dá em meio a embates ideológicos e em relação de alteridade com seus outros, é um sujeito que também reverbera as condições de existência do gênero feminino.

O SUJEITO FEMININO EM *LA MAJORITÉ OPRIMÉE*

Como mostrado brevemente na introdução, *La Majorité Opprimée* se debruça sobre a realidade às avessas de uma sociedade francesa com papéis de gêneros invertidos. O protagonista da obra é um homem de meia idade, pai e casado. Ele assume o papel do gênero feminino enquanto as mulheres na obra representam o poder da figura masculina no patriarcado. A inversão dos papéis de gêneros incute a crítica à naturalização da desigualdade de gêneros, que aparece em cenas em que essa personagem masculina sofre assédio e estupro. Nessas cenas, ao invés de aceitar o assédio, ele reage aos assédios vivenciados e essa postura denota um confronto à naturalização do machismo na sociedade francesa. O confronto que o personagem estabelece com o machismo do dia a dia retoma o embate ideológico da sociedade contemporânea, onde vozes sociais patriarcais e machistas vivem em conflito com o feminismo e se faz presente a luta pela igualdade entre os gêneros masculino e feminino.

Esse conflito ideológico entre vozes sociais machistas e feministas que demarca o curta metragem é um conflito que dialoga com a situação sócio histórica da sociedade contemporânea. A ascensão e fortalecimento do movimento feminista no mundo contemporâneo, assim como os debates na mídia são elementos que fortificam o confronto ao machismo cristalizado. Até o Renascimento, na Idade Moderna, as mulheres não possuíam um espaço social que lhes permitisse confrontar diretamente o patriarcado e o machismo desse sistema. A Revolução Francesa e as inquietações políticas francesas do século XVIII foram um dos primeiros momentos da história em que mulheres francesas se iniciaram em debates e manifestações públicas. Nesse evento histórico, as mulheres do Terceiro Estado – classe mais baixa da população – lutaram por mudanças sociais na França e participaram da luta social. A atuação feminina na revolução lhes ofereceu um novo papel social e as colocou na cena política do país. Conforme Élisabeth Sledziewski, nessa participação as mulheres passaram a usufruir e exercer seus direitos.

[...] A Revolução deu às mulheres a ideia de que não eram crianças. Reconheceu-lhes uma personalidade civil que o Antigo Regime lhes negava, e elas tornaram-se seres humanos completos, capazes de fruírem e de exercerem os seus direitos. Como? Tonando-se indivíduos. (SLEDZIEWSKI, 1990, p. 44)

Historicamente, este seria o momento em que as mulheres puderam participar de uma luta política. Essa participação foi importante na história das mulheres já que logo, na transição do século XVIII para o século XIX, haveria a queda do regime absolutista e proclamação da república. Esse novo momento político, entretanto, reprimiu as mulheres e lhes negou o direito ao voto, que seria o motivo de início de lutas femininas. A princípio, as mulheres se integraram na cena revolucionária francesa na luta pela queda do regime absolutista e após a queda desse regime, impedidas de votar, passaram a lutar por seus próprios

direitos. A luta pelo direito ao voto, as manifestações e os movimentos sufragistas foram os primeiros passos das mulheres pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, o início da luta feminista.

O conflito ideológico que se dá em *La Majorité Opprimée* incorpora o ideal de luta feminista por direitos iguais. O machismo vivido pelo protagonista não é vivido passivamente, mas é olhado pelo sujeito do século XXI, com um olhar que é perpassado pelo ideal da luta pela igualdade. A contextualização histórica do enunciado e do sujeito feminino e as lutas sociais que os transpassam são elementos que dão sentido à enunciação. No século XIX, a luta das mulheres pelo direito ao voto se dava nas ruas, em manifestações e cartazes e, hoje, o movimento se volta a outras causas e se vale de novos meios para a luta de seus direitos, esses novos meios incluem as redes sociais e a também a arte. *La Majorité Opprimée* é uma obra que ironiza e critica a desigualdade e traz em seu bojo esse conflito ideológico iniciado no movimento sufragista feminino. Nesse meio, quando o personagem confronta o assédio, ele adota uma postura feminista, pois ele luta contra a desigualdade do patriarcado. Como personagem que denota os conflitos das mulheres contemporâneas, ele é construído nesse conflito de vozes machistas que o pressionam e vozes sociais feministas que o impelem a confrontar o machismo.

Para tratar desse embate ideológico e da construção do sujeito em alteridade com os discursos que perpassam esse embate de ideologias, delimitamos recortes de uma cena que se passa aos 2 minutos 40 segundos do curta metragem, em que o protagonista anda de bicicleta, olha para os lados para verificar se alguém o está observando e desabotoa os primeiros botões de sua camisa. Após desabotoar a camisa, ele para em um semáforo para aguardar o sinal verde e é assediado por uma mulher sentada na calçada. Irritado com o assédio sexual, o homem responde à mulher e essa reação masculina enfurece a mulher assediadora que se levanta e o insulta, demonstrando dissabor por ter sido confrontada.

No primeiro recorte de cena (Figura 1), o homem anda de bicicleta e olha para os lados, enquanto todo o seu corpo é enquadrado pela câmera assim como a rua e as casas. Seu olhar apreensivo denota a preocupação da personagem com possíveis perigos que possam decorrer ao abrir os botões da camisa e expor seu corpo. Na cena, não vemos nenhuma pessoa ao redor e apenas após verificar o ambiente ele se deixa abrir a blusa enquanto pedala. Há como trilha sonora uma batida de violão e o ruído das rodas da bicicleta enquanto o cabelo do personagem balança levemente com o vento. Esses elementos da cena constroem um tom de leveza enquanto ele anda de bicicleta e sente o vento.



Figura 1- O homem olha para os lados

Diante dessa caracterização de leveza na cena, o homem abre a camisa e enquanto a desabotoa, a câmera tem como foco sua mão e a gola da blusa (Figura 2). Anteriormente, a câmera tinha como foco todo o corpo do homem, a rua e as casas, porém quando ele desabotoa a blusa, a câmera se foca essencialmente em seu peito e na gola. Essa transição e a mudança no enquadramento da cena tem uma valoração ideológica que denota a censura ao corpo. Como elemento visual, o enfoque no desabotoar da camisa e os olhares preocupados do personagem para os dois lados da rua denotam o aspecto valorativo do ato de desabotoar a blusa e expor essa parte do corpo, ainda que de forma mínima, com apenas alguns botões abertos.

O enquadramento da cena no ato de desabotoar a blusa se foca no ato responsável e responsável do homem e as valorações sociais e culturais refletidas e refratadas em seu ato. O ato de desabotoar a camisa, além de retomar os elementos de leveza visuais e sonoros da cena, reverbera a objetificação do corpo na sociedade assim como a censura ao corpo. A câmera se foca no peito do personagem e na gola da blusa assim como a sociedade se foca no corpo da mulher quando ela o expõe. Expor o corpo é, por sua vez, um ato que ressoa a culpa atribuída à mulher caso seu corpo seja violado.

O protagonista representa na obra os embates ideológicos vivenciados pelos sujeitos femininos do mundo contemporâneo, ele representa o sujeito feminino do mundo semiotizado na obra *La Majorité Opprimée* e seus atos reverberam o conflito de vozes sociais que se dá no sistema patriarcal. O ato desse sujeito semiotizado no texto é perpassado por valorações culturais e ideológicas da vida. Na figura 1, quando ele olha para os lados preocupado, o ato de olhar para os lados preocupado infere a preocupação que alguém veja e critique sua atitude de desabotoar a blusa e mostrar o peito ou mesmo o medo do assédio. Na figura 2, quando a câmera se volta completamente ao enquadramento da gola da blusa, esse foco mostra a perspectiva social e as valorações que entornam o ato de desabotoar a blusa. Esse cruzamento de vozes sociais que ocorre no ato do homem

e os discursos que cruzam esse ato, por sua vez, constitui o personagem e também constitui o sujeito feminino contemporâneo.

Nesse embate, o ato de abrir a camisa e o enfoque da câmera nesse momento da cena também representam o confronto ao discurso patriarcal que lhe impõe o medo de abrir os botões. Embora ele se preocupe e olhe para os dois lados antes de abrir os botões, ele os abre e esse ato incute uma afronta ao sistema que censura seu corpo e o condena. Esse ato infere o posicionamento axiológico do personagem que assume uma postura sem álibi e singular, que é só dele e por meio da qual esse sujeito responde aos outros que o envolvem. A criação desse ato responsável no agir constrói e torna o sujeito quem ele é.

É apenas o não-álibi no existir que transforma a possibilidade vazia em ato responsável real (através da referência emotivo-volitiva a mim como aquele que é ativo). É o fato vivo de um ato primordial ao ato responsável, e ao criá-lo, juntamente com seu peso real e sua obrigatoriedade; ele é o fundamento da vida como ato, porque ser realmente na vida significa agir, é ser não indiferente ao todo na sua singularidade. (BAKHTIN, 2012, p. 99)

Reconhecemos o protagonista na obra a partir do agir dele, a partir de seus atos e de sua relação dialógica com o universo que o delinea e o confronta. As respostas que ele dá aos seus outros por meio de seus atos o constroem como sujeito. No mesmo sentido, reconhecemos o sujeito feminino do mundo contemporâneo que é construído na narrativa a partir do agir desse personagem, que vive e representa o assédio e a injustiça vividos pelo gênero feminino.



Figura 2- O homem desabotoa a camisa

A figura 2 dialoga com o assédio vivido pelo protagonista, já que ao parar na primeira esquina após abrir o botão da camisa, ele é assediado e reage quando uma mulher sentada na calçada se dirige a ele de maneira grotesca, insinuando atos sexuais de maneira invasiva e completamente desrespeitosa.

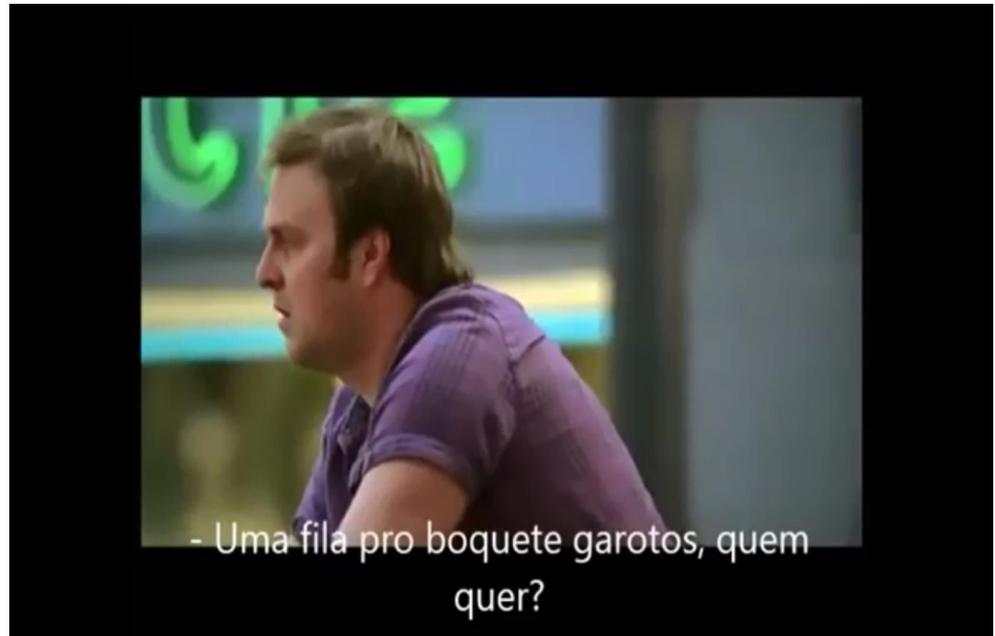


Figura 3- O homem é assediado

Na figura 3, ao ser assediado enquanto espera o semáforo abrir, sua expressão na cena demonstra irritação pelo desrespeito com que é tratado. A princípio ele se cala, mas logo diz "Já deu..." (Figura 4) à mulher que o assedia. Seu tom é seco e a expressão de seu rosto, séria. Mais uma vez, o protagonista confronta os paradigmas do sistema patriarcal por meio de seu posicionamento, assim como ele abre o botão da camisa e rompe com a ideia de que deve se vestir comportadamente para ser respeitado, ele rompe com a ideia de que deve entender assédios como "elogios" e se calar ao ouvi-los.

A cultura patriarcal criticada em *La Majorité Opprimée*, naturaliza a desigualdade a partir da culpabilização das vítimas de assédio. O assédio, dentro do patriarcado, é uma forma de demonstrar virilidade e reforçar a masculinidade hetenormativa. Esses dois planos demonstram uma construção dicotômica e heterogênea de gênero masculino e feminino em que o masculino se opõe de forma hierarquizada sobre o gênero feminino. Quando na cena vista anteriormente o personagem responde ao assédio, há a quebra do paradigma de submissão feminina e ele assume um novo lugar dentro do confronto de vozes que o contextualiza, pois por meio desse ato o personagem confronta a ideologia patriarcal.

Entretanto, embora o homem representado tenha um posicionamento emancipatório na narrativa, ele se situa em um sistema essencialmente patriarcal que condena sua postura emancipatória de se impor e recusar os assédios. A mulher assediadora responde ao personagem o assediando novamente. Após ouvir "Já deu...", ela se surpreende com a ousadia da resposta e retruca "O que?!"

(Figura 3) e “Pensa que não to vendo você aí, sentado rebolando essa bunda na minha cara?” (Figura 4). Essas enunciações da mulher ressoam uma postura machista que não aceita o confronto feminino ao assédio.



Figura 4- O homem reage ao assédio

“Pensa que não to vendo você aí, sentado rebolando essa bunda na minha cara?” o tom emotivo-volitivo da mulher demonstra a agressividade com que ela fala. Esse tom também exprime um valor no ato enunciativo e nesse caso, a enunciação demonstra um posicionamento do sujeito. Esse posicionamento machista pressupõe a mulher – representada pelo protagonista- como um objeto sexual à mercê do homem, que pode tratá-la como bem entender. A mulher que anda em sua bicicleta é vista, pela perspectiva machista, como “sentado rebolando essa bunda na minha cara”. O ato da mulher é invertido e culpabilizado. A mulher é o alvo da culpa, mesmo que esteja simplesmente andando de bicicleta pela cidade à luz do dia. Pela ótica da inversão e desigualdade demarcadas no sistema patriarcal, é naturalizado que se a mulher estiver na rua com botões abertos, revelando um decote, ela corre o risco de ser assediada sexualmente e essa realidade invertida é aceita, pois pela ótica patriarcalista que rege o modo de administração social do mundo contemporâneo se guia por dogmas patriarcais. A inversão de papéis do curta é um tipo de inversão que critica a inversão de valores do mundo contemporâneo, colocando em jogo o conflito ideológico arraigado à desigualdade de gêneros na sociedade.

A fala da personagem que assedia o homem é perpassada pelo discurso machista e reverbera a ideologia patriarcal. Reconhecemos que a fala, como ato individual e de caráter social, reverbera vozes, reflete e refrata valorações, exatamente por ser um ato responsivo e responsável que infere o posicionamento axiológico do sujeito. Quando a mulher diz “Pensa que não to vendo você aí, sentado rebolando essa bunda na minha cara?”, está incutido nesse ato enunciativo o embate de interesses das superestruturas patriarcais, assim como a

ideologia hegemônica patriarcal em confronto com a postura desse homem que, por sua vez, confronta os interesses dessas superestruturas.

As ideologias em confronto no texto podem ser vistas como pontos de reflexão e refração de embates de interesse das classes sociais e tais ideologias atravessam os signos e os enunciados. Nessa direção, sendo a fala um canal de manifestação individual e um ato enunciativo, ela é atravessada por valorações. Os signos ideológicos, como espaço de confronto entre vozes sociais, permeia o sujeito. Se entre a super e a infraestrutura existem forças que atuam, delas são oriundas as construções discursivas sobre as quais falamos nesse artigo. Lidamos com uma via de mão dupla em que o sujeito, em seu processo constante de formação, simultaneamente forma ao seu(s) outro(s) e é formado por ele(s). Forma-se a si mesmo a partir dos discursos (seu outro), e forma os discursos a partir de si (o outro de si).

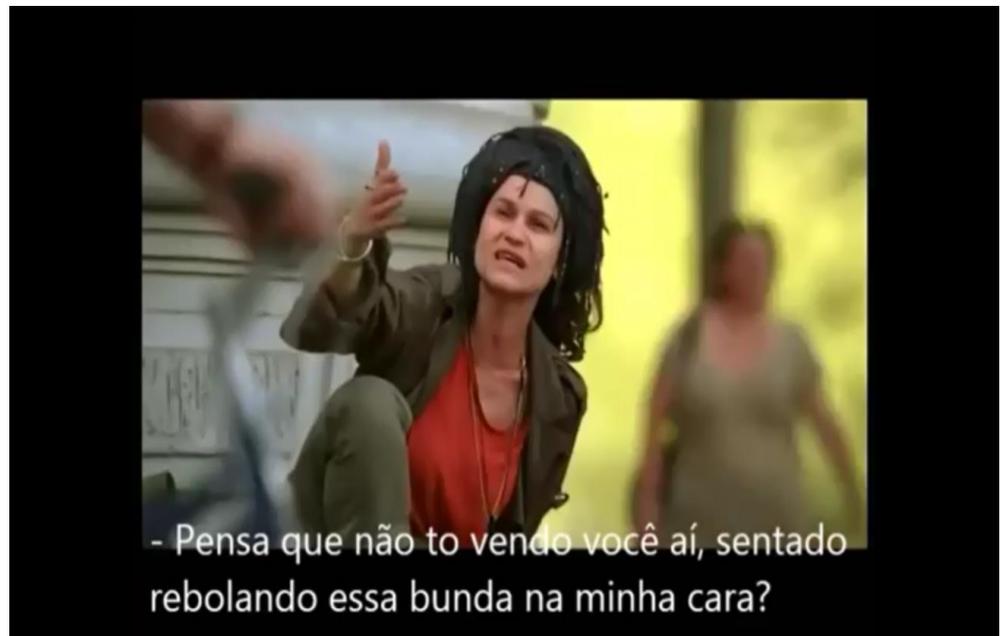


Figura 5- O homem é assediado novamente

Este homem é representado na narrativa como personagem que representa o sujeito feminino a partir dos outros que o interpelam e sua relação de alteridade com esses outros. No instante em que o protagonista abre o botão da camisa e confronta os paradigmas patriarcais, esse ato denota o posicionamento axiológico dele e o constrói como sujeito. O ato deste protagonista masculino incita em seus outros novas respostas que, por sua vez, serão também respondidas por ele. Esse encadeamento sucessivo de respostas, ato após ato, se dá interminavelmente já que a constituição do sujeito feminino se dá na relação com o(s) outro(s). O sujeito mulher se dá em sua relação com a sociedade, com os núcleos que a conduzem ao longo de sua vida, tais como família, escola, política. A construção do sujeito feminino representado na obra é atravessada por valorações sociais, histórica e por ideologias que por sua vez, configuram-se em meio a um prisma de vozes e interesses de classes.

CONCLUSÃO

Em consonância às reflexões realizadas sobre a concepção de sujeito pela teoria bakhtiniana e o embate de ideologias que permeia a formação do sujeito feminino na contemporaneidade, assim como as contribuições às quais recorreremos nos estudos sobre gêneros de Butler, torna-se possível, como resultado das reflexões aqui realizadas, inferir que o sujeito feminino representado em *La Majorité Opprimée* é construído na relação de alteridade com os outros que o constituem e os confrontos ideológicos que demarcam suas relações com o outro.

Nesse sentido, notamos que o sujeito feminino, como sujeito bakhtiniano, é constituído em diálogo com os discursos que permeiam os enunciados e discursos que a formam. Os valores sociais que se confrontam no enunciado viabilizam a construção do sujeito dialógico, entre seus diversos *outros*. A movimentação dialético-dialógica entre as valorações machistas e feministas expressas no curta metragem é o plano de fundo que constrói o sujeito feminino semiotizado no enunciado analisado.

The Female Subject Construction In *La Majorité Opprimée*: Ideological Conflicts

ABSTRACT

This article aims to analyze the female subject construction in the French short film *La Majorité Opprimée* (2010). As theoretical basis, there are the Bakhtin Circle theoretical conceptions about subject and ideological sign besides references from the male and female Gender Studies, such as Judith Butler considerations. In the work analysed, the gender inequality representation as a ideological conflict that reflects and refracts ideologias leads us to think about the ideological conflicts that are part of the subject social formation, point that leads this discussion.

KEYWORDS: *La Majorité Opprimée*. Bakhtin Circle. Subject. Gender (male and female).

NOTA

1Link do curta metragem *La Majorité Opprimée* (2010):
<https://www.youtube.com/watch?v=4qw8kkcFuuE>

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV) (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. M. (MEDVEDEV). **El método formal en los estudios literarios**. Madrid: Alianza, 1994.

BAKHTIN, M. M. (1929). **Problemas da Poética de Dostoievski**. São Paulo: Forense, 1997.

_____. (1992). **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2011.

_____. (1975). **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Freudismo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

BARROS, D.L.P.; FIORIN, J.L. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: Em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1999.

BERENI, L.; CHAUVIN, S.; JAUNAIT, A.; REVILLARD, A. **Introduction aux Gender Studies**. Bruxelas : De Boeck, 2008.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2001.

_____. Introdução. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, B. (Org.).

_____. **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

____. (Org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

____. (Org.). **Bakhtin: Outros Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

____. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

____. (Org.). **Bakhtin – Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

____. (Org.). **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas: Pontes, 2001.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FARACO, C. A. Um posfácio meio impertinente. In: BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

GERALDI, J. W. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.

____. **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. Volume 2. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

____. **Discursos em Perspectiva: humanidades dialógicas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

SLEDZIEWSKI, É. Revolução Francesa: A viragem. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**. V. 4. Porto: Afrontamento, 1991.

DUBY, G.; PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna**. Vol. 4. Trad. COELHO, M. H. da C.; VAQUINHAS, M. I.; VENTURA, L.; MOTA, G. São Paulo: Ebradil, 1991.

SOBRAL, A. Ato/ atividade e evento. In: BRAIT, B. Bakhtin: **Conceitos Chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

TOLEDO, Cecília. Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. In. **Marxismo Vivo**, nº 2. São Paulo. Sundermann, 2001.

VOLOSHÍNOV. V. A Palavra na vida e a na poesia: Introdução ao problema da poética sociológica. In: BAKHTIN, M. **Palavra própria e palavra outra: na sintaxe da enunciação**. Campinas: Pedro & João Editores, 2011.

Recebido: 30 ago. 2016

Aprovado: 25 jan. 2017

DOI: 10.3895/rl.v18n23.3248

Como citar: SANTANA, B.M. A construção do sujeito feminino em La Majorité Opprimée: embates ideológicos. R. Letras, Curitiba, v. 18, n. 23, p. 1-18, jul/dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

